

ÍNDICE

O mistério do pote de ouro	13
O telegrama.....	21
O pastorinho e a flauta	25
A feiticeira e a peneira.....	27
O bruxo e o galo negro.....	29
O Diabo e a cabaça.....	31
As lágrimas do pinheirinho	33
O Menino Jesus passou por aqui esta noite.....	37
O rapaz e a caveira.....	41
O Diabo justiceiro	43
O refúgio na serra.....	47
O padre e a benzedeira.....	59
O gaiteiro e o almocreve	63
«Não sabia que o papel tinha olhos!»	67
Ao menos um dedo!.....	69
Os diplomas de doutor-burro	71
O homem e a fala dos pássaros.....	73
A divisão dos cavalos	75
O dia das inspecções	77
Os leilões de Domingo.....	79
O Soldado Milhões e a sentinela	83
O último gaiteiro	87
O mistério do velho moinho.....	95
A mãe do bispo	99

O lavrador e o queijo	101
A princesa e o piolho	103
A noite de Reis	107



O MISTÉRIO DO POTE DE OURO

— *Quem quer e quem tem? Quem quer e quem tem?*
No badalo do padre não toca ninguém!

Assim era a lengalenga dos sinos da igreja tal como soavam aos ouvidos do povo. Pelo menos, era assim como o povo gostava de os interpretar. Zé-Ló, o sacristão, repenicava-os como ninguém, deixando ao devaneio dos paroquianos o deleite de tentar decifrar as ilusórias mensagens que fluíam, ora na brandura, ora na impetuosidade das badaladas. A aldeia, meio escondida numa prega das encostas do Douro, já não passava sem aquele repenicar em horas certas, que marcava a cadência das gentes do campo. Sempre infalíveis eram o toque do “meio-dia velho”¹ e o toque das “Trindades”, que assinalavam momentos santos. Os homens tiravam o chapéu, suspendiam a lavra e sussurravam orações imperceptíveis. Entrementes, havia também os toques para as missas e novenas, ou para o chamamento dos mais pequenos à catequese. De quando em vez, soavam ainda os toques alegres das alvoradas em dias de romaria, ou os da saída das procissões. E, uma vez por outra, lá soava também,

¹ Equivale à uma da tarde, na hora de Verão, a hora em que o povo dos campos interrompia o trabalho para a refeição. Os camponeses, como outrora se orientavam pelo relógio da torre da igreja, o qual se mantinha inalterável na ocasião da mudança de hora, tinham de ter em conta, nas ruas rotinas, a “hora nova” e a “hora velha”.



amargurado ou arrepiante, o toque a finados ou o toque a rebate em caso de fogo.

Do alto da torre, consoante o propósito, o Zé-Ló tangia, dobrava, picava e repicava. Em dias de romaria, ou em domingos de festa, era tal o esmero do sacristão que chegava a usar as mãos e as ancas para que todos os sinos tocassem. Um badalo em cada mão e atada à cintura uma corda que ligava a um outro, o qual accionava saracoteando as ancas... era vê-lo, nas ameias da torre, oferecendo um espectáculo ridículo, singular, desfrutado às risadas, cá em baixo, à vista de tão embalado jogo de cintura, a que sempre juntava as nádegas rechonchudas a dar a dar.

Mas o Zé-Ló era também o herói da pequenada. Poder acompanhá-lo ao alto da torre e ajudá-lo a atar os badalos, assistindo depois àquele bambolear do corpo, que produzia sons e fazia agitar as gentes da aldeia, era o melhor prémio com que qualquer miúdo sonhava. Era como ter, por momentos, lá em baixo, a aldeia inteira seduzida, dominada e indefesa.

— Deixe-me ir consigo, senhor José! — entoávamos todos, quando o víamos dirigir-se para a torre da igreja.

— Só posso levar um! E como sois muitos, não levo nenhum! — sentenciava, cantarolando, e sem lugar a apelo, o sacristão.

À mestria que demonstrava no repicar dos sinos, o Zé-Ló juntava, contudo, uma incorrigível paixão pela “pinga”. Ademais, a taberna do Caxuxa, a sua eleita, era mesmo ao lado da igreja, pelo que a rotina lhe estava facilitada. Ao entardecer, era já uma alquitarra ambulante, e, desse modo, na hora de subir à torre, já só lá conseguia chegar de gatas. E então sim, fazia jeito levar consigo alguém que o empurrasse escadaria acima, aos socos e cabeçadas nas nádegas inertes e rechonchudas:

— Ande lá, senhor Zé! Havemos de lá chegar! Já falta pouco!

Por fim, alcançava o topo do campanário. Ali chegado, a cantoria dos sinos era sempre perfeita. Havia mesmo quem garantisse que, com um grãozinho na asa, o sacristão era sublime a dar ao badalo.

Nas noites de Maio, havia a novena do “mês de Maria”. O padre da aldeia, homem recatado, dócil e paciente, quer com as





O BRUXO E O GALO NEGRO

Havia uma patroa muito apegada àquilo que era seu, muito arrogante e também muito vaidosa. E tinha uma criada que, quanto à vaidade, não lhe ficava atrás. Tanto assim era que, num domingo, quis ir à festa na sua terra, e, para se fazer grande, causando inveja em quem por lá encontrasse, pegou num anel de brilhantes que a patroa tinha e, sem ela saber, levou-o.

Claro que a intensão da moça era, no regresso, voltar a pô-lo no mesmo sítio. Só que a patroa, neste interim, deu-lhe pela falta e, quando a criada regressou, já não foi a tempo de o pôr no lugar. Vai então a patroa sobre ela:

— Ah sua desgraçada, que me tiraste o anel!

— Não tirei nada! Se lho tiraram, não fui eu! — tentou defender-se a rapariga.

— Tiraste, tiraste, sua ladra! Quem mais podia ser? E prepara-te! Se ele não aparecer, vais pró olho da rua e mando-te prender!

A criada, muito aflita, sabendo que havia ali perto um homem que tinha fama de bruxo e que descobria tudo, e a quem sabia que a patroa iria recorrer para descobrir o paradeiro do anel, apressou-se a ir ela antes pedir-lhe ajuda. Chegou lá e disse-lhe:

— Ó senhor Fulano, venho pedir-lhe um grande favor. Tenho aqui este anel que é da minha patroa. Peguei nele para o usar sem ela dar conta e depois voltaria a pô-lo no mesmo sítio. Longe de mim ficar com ele. Mas ela deu-lhe pela falta e, se descobre que fui eu, diz que me põe na rua e me manda prender. Quería que o senhor me ajudasse a que ela não descubra que fui eu.



O homem pensou um breve instante e logo lhe deu a solução:

– Olha lá, em casa da tua patroa há algum bicho negro?

– Que bicho negro?!

– Um cão, um gato, um galo...

– Há sim. Há um galo negro!

– Então vai-te a ele, abre-lhe o bico e mete-lhe o anel pelas goelas abaixo. E não te preocupes mais.

A rapariga lá foi e fez o que o homem lhe pediu. Quando tal, aparece também a patroa na casa do bruxo a pedir que lhe dissesse se foi ou não foi a criada que lhe roubou o anel. O homem pôs-se a bichanar umas rezas durante um bom bocado, e, por fim, diz à mulher:

– Olhe lá, vossemecê tem algum bicho negro em casa?

– Um bicho negro?! – estranhou ela.

– Um cão, um gato, um galo...

– Sim, tenho um galo negro!

– Pois então – atalhou o homem, – é ele que tem o anel! Aquilo não é um galo, é o demónio!

– Essa agora! – diz a mulher.

– É como lhe digo. Vá a casa, abra-lhe a barriga e verá se tem ou não tem lá o anel!

Preparava-se então a mulher para sair, muito ligeira, mas o homem ainda lhe disse:

– E não se esqueça de me mandar cá a sua criada com o galo, e muito bem depenado, pois quero fazer-lhe um esconjuro. Não vá o demónio sair de dentro dele e entrar no resto da bicharada!

Assim foi. A mulher matou o galo, abriu-o, e lá encontrou o anel entalado numa tripa. Pediu logo desculpa à criada e mandou-a levar o galo ao bruxo. E, é claro, consolaram-se os dois com ele.²

² Contou-me esta história o Dr. António Joaquim da Eira e Costa, natural da Campeã, Vila Real, cuja memória aqui homenageio.

